



## 9º Congresso de Pós-Graduação

### LYGIA FAGUNDES TELLES E O FANTÁSTICO: UMA ANÁLISE DE "A CAÇADA" E "AS FORMIGAS"

#### Autor(es)

---

RENAN FORNAZIERO DE OLIVEIRA

#### Orientador(es)

---

DANIELA MANTARRO CALLIPO

#### 1. Introdução

---

A literatura fantástica, gênero que põe em cena o sobrenatural face ao cotidiano, ainda carece de definições, como diz Todorov (2008), ao afirmar que, ainda que pouco se saiba sobre o gênero em questão, é possível identificar traços definidores que permite ao leitor diferenciá-lo dos demais gêneros literários. Na literatura brasileira, o fantástico tem, até o Realismo, teve seu campo de atuação tolhido, como elucida Antonio Cândido (apud RODRIGUES, 2000) pois comprometeria a verossimilhança que o texto deveria apresentar. É a partir da segunda metade do século XX que o gênero ganha espaço na literatura brasileira, sob a pena de autores como Murilo Rubião, José J. Veiga e Lygia Fagundes Telles. Com este trabalho, pretende-se analisar como se configura a sugestão da presença do sobrenatural por meio do discurso literário, causando no leitor uma sensação de medo, pânico, mas sempre o fazendo hesitar, deixando-o em dúvida. Esse será um dos pilares do fantástico, a dúvida, a incerteza que, quando bem explorada, impede que cheguemos à uma conclusão, seja racional, seja de aceitação da subversão do real.

#### 2. Objetivos

---

Pretende-se verificar a presença da literatura fantástica na literatura brasileira, observando como esta apropriou-se da tradição literária européia classificada como fantástica, e de que modo tais teorias foram ressignificadas em textos brasileiros contemporâneos. Além disso, queremos refletir sobre como o fantástico atua na cultura literária contemporânea, fato este que nos chama a atenção (nossa escolha se justifica por essa estrutura narrativa chamar a atenção de leitores de todas as faixas etárias e pelo fato de esse tipo peculiar de texto literário ser reaproveitado nas adaptações de outros veículos culturais de comunicação, como o cinema e a TV). Dessa forma, julgamos relevante uma compreensão mais apurada dos mecanismos narrativos (textuais, linguísticos e literários) que embasam esse tipo de texto, encantando um número considerável de leitores. Além disso, e sobretudo, esse tipo de estudo contribui para a valorização constante de uma memória literária nacional situada na contemporaneidade e herdeira de vozes existentes na tradição européia, principalmente oitocentista, expressa na narrativa feminina de Lygia Fagundes Telles.

#### 3. Desenvolvimento

---

Para iniciar nossas discussões, primeiramente abordamos dois conceitos muito importantes: o de gênero literário e, mais especificamente, a questão dos gêneros do discurso. Desse modo, partimos das discussões sobre estes dois aspectos, e nos aprofundamos na noção de gênero literário, assim como Todorov (2008) postula, retomando os estudos de Northop Frye em sua *Anatomia da Crítica* (1954). Para nossas intenções, importam-nos mais as considerações feitas quanto à explicitação do gênero, suas origens e limites. Sendo assim, traçamos aqui um breve percurso histórico do vocábulo fantástico, cujas origens remontam ao século XIV. Seu nascimento se dá a partir do latim *phantasticus* e do grego *phantastikós*, assumindo diversas acepções no interior da língua e

da cultura, expresso pelo texto literário ao longo do tempo. Por sua vez, os estudos literários debruçam-se sobre tais sentidos, como veremos a seguir em Calasans (1988) e Malrieu (1992) (e como foi apropriado pelos estudos literários por meio da crítica.) Selma Rodrigues Calasans, em seu livro *O fantástico* (1988), nos traz um panorama dessas diversas tentativas que, segundo ela, podem ser agrupadas em dois grupos: o primeiro se incumbiria de reunir críticos que vêem o fantástico existente desde Homero e *As mil e uma noites*, cujos expoentes são Charles Nodier, Louis Vax, Jorge Luis Borges. Já o segundo grupo nega a existência do fantástico antes do século XVIII, considerando como obra inaugural do gênero *Le diable amoureux*, publicada em 1772 por Jacques Cazotte. Fazem parte deste grupo Jean Bellamin-Noël, Irène Bessière, Roger Caillois, Jacques Finné e Tzvetan Todorov, sendo este último um dos mais respeitados críticos da referida área de estudos. Todorov foi um dos grandes nomes que teorizou sobre o fantástico, tentando recuperar a referida área de estudo calcado em propostas já realizadas anteriormente. Destaca-se, ainda, por ter sido o primeiro a sistematizar o estudo do fantástico, até então pouco estudado. Para ele, o fantástico reside na hesitação de um leitor diante de acontecimentos insólitos, que vão contra a ordem do natural, fazendo com que a dúvida ante esses acontecimentos permaneça até o fim da narrativa. Em outras palavras, “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 1970, p. 31). Uma das críticas mais severas que Todorov recebeu foi a de restringir muito o campo de atuação do fantástico. Quando um acontecimento sobrenatural é visto com naturalidade, deixa-se o fantástico, recaindo no maravilhoso; quando se dá uma explicação racional, o texto passa a ser visto como estranho. Apesar de haver um número sem fim de obras em que a ambigüidade permanece praticamente até o fim da narrativa, mesmo havendo a hesitação necessária para o fantástico, Todorov rotula como fantásticas um número muito menor de obras, já que a hesitação não é mantida até o fim. Calasans (1988) aponta uma falha neste ponto, afirmando que Todorov foi muito restritivo quanto à delimitação do gênero. Todorov vê, assim, o fantástico como produto de três fatores que, segundo ele, são indispensáveis para que se tenha uma obra deste gênero: a primeira faz referência à ambigüidade que a narrativa deve causar no leitor, fazendo-o titubear entre uma explicação sobrenatural e outra racional; a segunda diz respeito ao modo como essa dúvida é representada no texto, o que geralmente se configura no papel de uma personagem; a terceira trata do papel assumido pelo leitor implícito ante o texto, de modo que este recuse leituras que o levem para longe da atmosfera de dúvida e tensão provocada pelo texto. Após Todorov, diversos críticos se inclinaram para o fantástico, dedicando-lhe variados estudos. Entre esses críticos, destaca-se Irène Bessière que, em 1974, publica *Le récit fantastique: la poétique de l'incertain*, que em muitos aspectos se contrapõe às teorias de Todorov. Sua principal crítica é quanto à condição exigida por Todorov para a existência do fantástico: a hesitação do leitor. Bessière demonstra ao longo de seu estudo que o fantástico reside no texto em questão, e não no modo como este será lido pelo seu público. Contrapondo-se a Todorov também, que vê o fantástico como um gênero literário, Bessière nega esse postulado, vendo-o como uma característica inerente aos textos, como produto da imaginação. É nesse ponto que suscita a maior dúvida em relação ao fantástico: devemos estudá-lo de que maneira, como gênero literário, como um modo de se conseguir um texto que suscite medo e dúvida? Bessière foi muito incisiva ao criticar Todorov, afirmando que “o fantástico não resulta da hesitação entre a ordem do sobrenatural e do natural, mas da contradição e da recusa mútua e implícita entre elas.” (BESSIÈRE, 1974, p. 97). Mais do que uma contradição mútua e implícita, Bessière vê o fantástico mais além do que a simples hesitação do leitor, aumentando o seu campo de abrangência. É característica de obras fantásticas a constante ambigüidade, a dúvida, a contradição, fazendo com que os textos assim chamados sejam basicamente paradoxais, envolvendo o leitor, convidando-o para uma descoberta permeada por tramas e explicações insuficientes. Para demonstrarmos isso, escolhemos dois contos de Lygia Fagundes Telles nos quais o fantástico se revela muito patente, possibilitando variadas discussões.

#### 4. Resultado e Discussão

---

No desenvolver de nossa pesquisa, notamos as nuances que o gênero fantástico possui segundo cada crítico estudado, sendo que a própria concepção do gênero é incerta, assim como sua materialização no discurso literário. Desse modo, verificados os pontos de contato, haja vista que, quando não se negam mutuamente, como em Todorov (1970) e Bessière (1974), se complementavam. Desse modo, propomos uma leitura dessas teorias e a verificação de sua ocorrência em dois contos da escritora Lygia Fagundes Telles, contos estes que figuram na coletânea *Mistérios*, cuja primeira edição é de 1981. A partir da análise dos contos à luz da teoria do fantástico, vê-se quão tênues são os limites entre real e sobrenatural, e como tais planos se imbricam no discurso literal, de modo a torná-lo essencialmente ambíguo, incerto, exigindo de seu leitor papel decisivo na construção do significado. No conto “A caçada”, de 1965, verificou-se que o fantástico se apresenta a partir da oposição loucura *versus* razão, ou seja, instaura-se a dúvida a partir do momento em que tais planos se opõem mutuamente, conforme elucida Bessière (1974). Já em “As formigas”, de 1977, há a sugestão da presença do elemento sobrenatural, não sendo está confirmada pelo narrador, o que induz o leitor a considerar tais acontecimentos estranhos passíveis de explicação racional ou sobrenatural. Sendo assim, verificamos como se dá a construção do fantástico nos contos de Lygia Fagundes Telles, e de que maneira é mantida a incerteza, a ambigüidade, sendo está condição necessária para este tipo de texto.

#### 5. Considerações Finais

---

Após atentarmos para os teóricos que dedicaram variados estudos ao fantástico, notamos muitos pontos de contato, como também várias pontos de divergência, o que nos permite dizer que, assim como sua apresentação no plano do discurso, suas teorias são

também incertas, refutam muitas dúvidas, que é também condição necessária ao gênero. Quando a incerteza é dissolvida, deixa-se o campo do fantástico e passa-se a outros gêneros vizinhos, em que prevalecem ou a aceitação do sobrenatural ou a subversão da realidade.

### **Referências Bibliográficas**

---

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BESSIÉRE, Irene. *Le récit fantastique: la poétique de l'incertain*. Paris: Larousse, 1974.

MALRIEU, Joël. *Le Fantastique*. Paris: Hachette, 1992.

RODRIGUES, Selma Calasas. *O Fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Milton Hermes. *Ficção Fantástica no Brasil: do Romantismo ao Modernismo*. Assis: Tese (Doutorado em Letras), 2000.

TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2008.